

Relações raciais na escola: discutindo a construção da identidade discente

Josana Alcântara Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: josanaalcantara@gmail.com

Rosana Alcântara Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: rosanaalcantarasilva@gmail.com

Marta Loula Dourado Viana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: marta.viana@uesb.edu.br

176

Palavras-chave: Relações raciais. Educação antirracista. Identidade discente

INTRODUÇÃO

A escola se configura como o ambiente no qual os jovens passam boa parte de suas vidas (basicamente toda sua infância e adolescência). Nela, esses sujeitos, a partir das interações sociais e de seus aprendizados no decorrer do processo educativo, passam a se conhecer melhor e construir suas identidades. Esse é um “processo que está em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos” (Ciampa, 1987, *apud* Pinto; Ferreira, 2014). Ou seja, tal construção não se dá da mesma forma para todos, variando de acordo com fatores culturais, religiosos, sociais, econômicos, regionais e, como daremos enfoque nesta pesquisa, raciais.

Freyre (2006, *apud* Domingues, 2005, p. 124), em "Casa Grande e Senzala", destaca o processo de miscigenação como um fator positivo em nossa sociedade, no entanto, este argumento serve para dissimular a exclusão social dos negros. A democracia racial é um mito criado para mascarar as desigualdades raciais existentes, passando uma falsa ideia de convivência harmoniosa entre os grupos étnicos (Ramírez, 2003, p. 134). A sociedade brasileira, devido aos mais de 3 séculos de escravização do povo negro, carrega profundas marcas do racismo estrutural, manifestadas nas mais diversas esferas sociais, inclusive na

Realização:



Apoio:



educação. Desse modo, mesmo que de forma sutil, há a tendência de que o ambiente escolar continue contribuindo para que estereótipos e visões negativas sobre a história da África, sigam sendo reforçadas. Nessa conjuntura, o jovem negro enfrenta grandes entraves para se reconhecer, entender suas origens, sentir pertencimento, e desenvolver sua identidade.

Segundo Campos e Araújo (2021), apesar da implementação da Lei nº 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana, ter sido implementada há mais de 20 anos, ainda existem diversas lacunas para que o ensino na educação básica seja ideal. Pois a escola deve contribuir para a destruição das perspectivas carregadas de estereótipos e generalizações negativas que temos acerca do continente africano, corroborando na luta antirracista e no combate à intolerância religiosa.

Desse modo, temos como objetivo discutir a complexidade da construção da identidade do jovem negro no contexto escolar, bem como destacar a importância do ensino da história da África e da cultura afro-brasileira como ferramentas fundamentais para a desconstrução de estereótipos e promoção de uma educação mais equitativa. Bem como, pretendemos apontar caminhos possíveis para a educação antirracista através da narrativa de vivências das autoras no ambiente escolar.

METODOLOGIA

A escolha da temática foi motivada pela experiência vivenciada no ano de 2023, quando, juntamente com o grupo do programa Residência Pedagógica, alocados no Instituto de Educação Euclides Dantas e sob a orientação da professora preceptora Vitória Régia Ferreira da Silva, desenvolvemos o projeto "África na Escola: Historicidades, Saberes e Vivências" com alunos do 1º e 2º anos do ensino médio. A ideia de realizar o projeto foi advinda de nossa percepção, enquanto residentes, das profundas lacunas de aprendizado existentes nas turmas acerca dos conteúdos referentes à África. Nas sondagens prévias, percebemos que nossos alunos tinham um conhecimento superficial, negativo, estereotipado e generalista sobre a temática. Bem como, já havíamos tomado ciência de casos de racismo e intolerância religiosa ocorridos no interior do ambiente escolar.

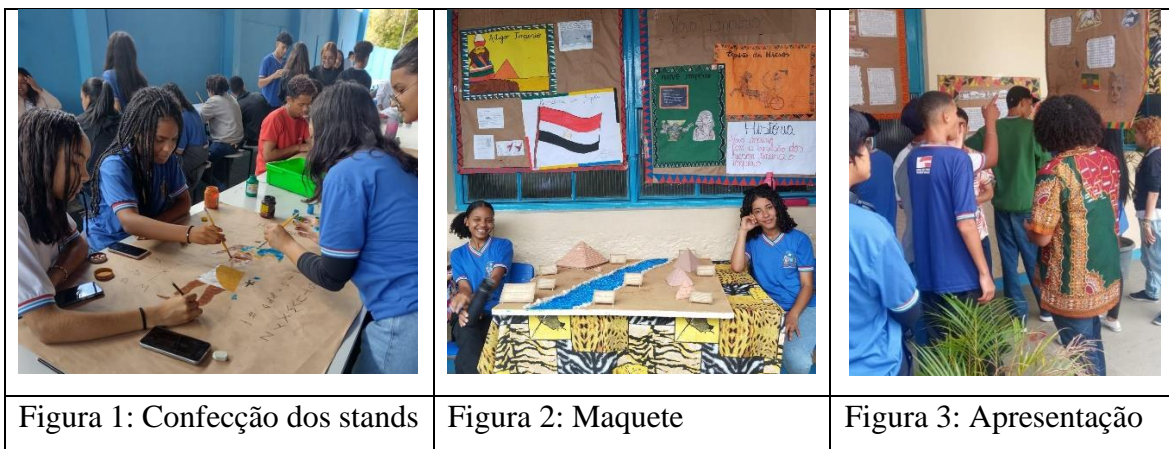
Realização:



Apoio:



Este projeto, que se desenrolou ao longo da segunda unidade, incluiu a ministração de conteúdos sobre África e suas antigas civilizações, dinâmicas com músicas de artistas negros e periféricos, jogos como a "Caminhada do Privilégio" e seminários. A culminância do projeto foi a elaboração de stands temáticos (figura 1), com maquetes (figura 2), desenhos, textos e fotos, fruto das pesquisas dos alunos, que apresentaram (figura 3) suas descobertas sobre a história e a cultura africana. Os stands ficaram expostos para toda a comunidade escolar, possibilitando que os estudantes não apenas apresentassem o que produziram e aprenderam durante a unidade, como também, visitassem e aprendessem mais com o que foi produzido pelos colegas de outras turmas. O contato com os diversos stands, que formaram um “túnel do tempo” da história do continente africano, possibilitou a todos que puderam apreciar a culminância do projeto, vislumbres da complexidade, diversidade e extensão da História africana.



Fonte: Acervo próprio

A metodologia adotada no decorrer da presente pesquisa foi, através de revisão bibliográfica de livros e artigos pertinentes às temáticas chave trabalhadas, traçar algumas reflexões e análises da experiência anteriormente mencionada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto "África na Escola: Historicidades, Saberes e Vivências" atingiu os resultados esperados, alcançando grande visibilidade e desmistificando os estereótipos

Realização:



Apoio:



negativos sobre o continente africano. Os alunos puderam compreender que a África possui uma história rica e diversa, que transcende os estigmas de pobreza e atraso. Esse aprendizado contribuiu, de certo modo, para que os alunos negros reconhecessem e tivessem orgulho de suas raízes. Pois no geral, eles veem suas origens vinculadas a imagens estereotipadas frequentemente encontradas em livros didáticos e novelas, onde os negros são retratados de forma secundária ou em posições de pouca importância social. Nesse mesmo sentido,

A escola forjou um “currículo embranquecido”, no qual as figuras que representam a conquista, o heroísmo, a inteligência são os homens brancos europeus e norte-americanos. Um currículo que nega a história dos povos africanos ou que os toma como não civilizados, sem cultura, exóticos e como os que “melhor se adaptaram à escravidão”, não contando os movimentos e lutas de resistência negra contra a escravidão. (Cruz, 2006, p. 14)

A implementação do ensino de história da África e cultura afro-brasileira no decorrer de todo o currículo da rede de educação básica é essencial não apenas para combater o racismo, mas também para promover a autoestima e a identidade positiva entre os alunos negros. Aprender sobre as contribuições das civilizações africanas ajuda a construir uma visão mais completa e justa da história. Em outras palavras, “esse enfrentamento é primordial para se construir uma sociedade equânime e que tenha como princípio norteador o respeito à dignidade humana e o exercício pleno da cidadania” (Pinto; Ferreira, 2014, p. 265).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais apontam para a necessidade urgente de incorporar de forma sistemática e contínua o ensino da história da África e da cultura afro-brasileira no currículo escolar. A Lei 10.639/2003 foi uma importante conquista dos movimentos antirracistas, no entanto, o sistema educacional ainda carece de melhor formação dos professores (incluindo formação continuada dos que já atuam), bem como, reformulação do currículo para que a temática não continue figurando nas aulas apenas de forma secundária ou esporádica.

O sucesso do projeto "África na Escola: Historicidades, Saberes e Vivências" evidencia que ações educativas bem planejadas podem transformar a percepção dos alunos sobre o continente africano e suas próprias identidades. A educação, nesse sentido, assume

um papel crucial na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, onde todos os cidadãos possam reconhecer e valorizar suas origens e contribuições históricas.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Maria N. S.; ARAÚJO, Johny S. A importância do ensino da cultura africana e afro-brasileira: um dever da família, da escola e da sociedade. **ANPUH – Brasil – 31º Simposio Nacional de História**. Rio de Janeiro, 2021.

CRUZ, Eliana Marques Ribeiro. Cor/Raça no Censo Escolar 2005: o que é ser preto, branco, pardo? In: 29ª Reunião da ANPEd, 2006, Caxambu, MG. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/29portal.htm>. Acessado em julho de 2024.

DOMINGUES, Petrônio. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, nº 010, 2005. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/162/16201007.pdf/>. Acessado em julho de 2024.

PINTO, Márcia Cristina Costa e FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Pesqui. prá. psicossociais** [online]. 2014, vol.9, n.2 [citado 2024-07-17], pp.257-266. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082014000200011&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1809-8908. Acessado em julho de 2024.

RAMÍREZ, Héctor F. S. Gênero e Raça em Casa Grande e Senzala e “democracia racial” no Brasil Contemporâneo. **Temáticas**, Campinas, vol. 11(21/22): p. 127-158, jan./dez. 2003. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13562/8876/>. Acessado em julho de 2024.

Realização:



Apoio:

